

No Rio cheio de estrelas

Caros amigos e amigas,

Aqui ainda sentimos retumbar os tambores dos festejos. Domingo [27 de Outubro] foi um dia inesquecível para milhões de brasileiros e brasileiras. Também para aqueles de nós que, não o sendo, fazemos desta a nossa terra de todos os dias. Para aqueles que, aqui ou lá, sonham com um mundo mais justo, mais humano e mais solidário. Muitas são as especulações sobre o Governo de Lula. Embora ele nem tenha começado, alguns já profetizam que nada conseguiremos fazer se tivermos a impertinência de nos desviarmos um milímetro do rumo estabelecido pelos senhores do mundo. ?Acabará como Felipe González?, afirmam os que sabem dominar as regras de um futuro tão desolador quanto o inexorável presente que nos obrigam a sofrer. ?Lula ganhou porque não é mais o que era antes?, dizem outros, dispostos a entoar o réquiem do que ainda não nasceu.

Será que o Governo de Lula irá nos trair? Talvez haja motivos para pensarmos que sim. Mas a pergunta não deixa de ser irrelevante se a abstrairmos das condições e construções que nos permitiram chegar até aqui. Quando a formulamos travestida de afirmação desencantada diante das possibilidades efetivas que os povos têm de ser, eles mesmos, os verdadeiros donos de sua própria história. Hoje, muitos de nós, simplesmente não queremos fazer essa pergunta. Não porque não sejamos realistas, senão justamente porque o somos. Não porque não sejamos pragmáticos, mas justamente porque queremos sê-lo. Um realismo e um pragmatismo diferentes àqueles que nos propõem os que se dizem capazes de tranquilizar os mercados. E também diferentes daqueles que nos convidam a experimentar os que supõem que nenhum governo, nem hoje nem amanhã, sabe-se lá por que causa misteriosa, terá condições de fazer nada, a não ser submeter-se às imperiais regras impostas pelos donos do dinheiro.

Somos realistas e pragmáticos. De um certo modo, tudo continua igual. O Brasil é um território de miséria e exclusão, onde a extraordinária acumulação de riqueza convive com uma brutal e infinita produção de pobreza. Tudo continua sendo como sempre foi. Mas o nosso realismo não para por aí. Não se choca contra o muro de 500 anos de infortúnio. Não se conforma com isso. Somos realistas porque somos capazes de ver que, apesar de tudo, demos um passo extraordinário. Em poucas semanas, um operário metalúrgico, líder de um partido de massas, participante de uma constelação de movimentos populares e democráticos, nascido em um Nordeste repleto de injustiças, que teve uma infância com pouca escola, pouca comida, pouca água, poucos brinquedos e muita dignidade... em algumas semanas, esse brasileiro igual a milhões de brasileiros (tão igual que nem presidente parece) irá ocupar o palácio que aqui se reserva aos ricos ou àqueles que os representam. Aos donos da terra ou àqueles que os representam. Aos ditadores de colarinho verde ou de colarinho branco. Aos que sempre, de uma forma ou de outra, pretendem nos convencer de que devemos nos contentar em viver numa sociedade partida, desigual, racista e excludente.

Somos realistas. No domingo quem ganhou foi o Brasil dos que estão do outro lado da fronteira: dos negros, dos índios, dos nordestinos, dos favelados. O Brasil dos meninos e meninas sem escola. No domingo ganhou o Brasil dos direitos negados. E também ganhou o Brasil da esquerda, do PT e dos partidos populares, do Movimento Sem Terra, da CUT, dos sindicatos docentes, dos movimentos de direitos humanos, das ONGs cidadãs. Ganhou o Brasil das administrações populares, dos governos que, em estados e municípios, demonstram há anos que é possível governar com o povo e para o povo; que a política é ?pública? quando é construída de baixo para cima. Somos realistas: no Brasil, faz mais de uma década que a esquerda vem demonstrando que, quando governa, governa bem. E ?bem?, não quer dizer apenas manter a economia ?estável e sem sobressaltos?, mas também desenvolver programas democráticos de reforma da educação, da saúde, da gestão pública e da assistência social. Somos realistas: no domingo não foram os banqueiros que ganharam. Não ganhou o FMI, nem a velha ou a nova direita. Não ganharam os que governam esta terra há mais de 500 anos. No domingo, ao menos ?esse? domingo, ?eles? perderam, mesmo que agora procurem dissimular.

A história é um hieroglífico de difícil decodificação. Confundir seus sinais pode ser o melhor caminho para repetir as derrotas. Hoje festejamos porque quem ganhou foi o Brasil dos pés descalços, das caras sujas, da roupa sempre gasta. E agora, que as fronteiras se tornam difusas, é preciso dizer de que lado estamos. As forças políticas e sociais que criaram as condições efetivas para a vitória de Lula precederam os acordos eleitorais dos últimos meses. Acordos que, certamente, estão longe de ser a única causa que explica a avassaladora vitória eleitoral do PT.

É hora de festejos e de preparativos. É hora de pedirmos aos tambores que continuem dando compasso à nossa marcha. Não nos peçam para entoar um réquiem deprimente, quando o que queremos é multiplicar os sons de uma interminável canção de luta. Não nos peçam para nos abismarmos na profundidade de um quarteto de cordas, quando o que queremos é nos desarmar ao ritmo do rap. Não nos peçam seriedade, quando o que queremos é nos somar à caravana de um pagode libertino e sensual. Não nos peçam para entoar a marcha triunfal, quando nos conformamos com uma doce canção de ninar.

Eu, devo confessar, estou à flor da pele. Com uma alegria infantil e um pavor senil. De tão a mil, fiquei atêrmico: me arrepio a cada minuto mesmo quando os termômetros tentam me convencer de que fazem 33 graus à sombra. Estou à flor da pele, e como diz a canção de Zeca Baleiro, ?qualquer beijo de novela me faz chorar?.

No domingo, aqui e lá, nós brasileiros e brasileiras nascidos nos mais recônditos lugares do mundo, não tivemos medo de gritar nossa alegria, de abraçar nossas esperanças, de decifrar nossas perguntas, de confessar nossos medos, de chorar de mãos e corações agarrados. O céu se encheu de estrelas, de flores, de fogo e cores alucinantes. De bandeiras vermelhas. E de lágrimas brilhantes.

Estou à flor da pele, talvez porque tenha um filho brasileiro que, como muitos outros meninos e meninas, neste domingo festejava na praia com sua bandeira tremulando. Uma bandeira linda, radiante, com uma estrela vermelha assim de grande. Uma estrela que iluminava a areia e a espuma do mar. Ali, na praia, onde ele cantava e pulava e ria, senti orgulho de estar aqui. Um orgulho bobo, trivial, inconsistente talvez, como todo orgulho. Mas enorme. Enorme como o sorriso de Lara, a filha de Gaudêncio, que envolta em sua bandeira vermelha e em seus vinte e um anos de pura luz, me abraçou dizendo: ?pude eleger o presidente que quero, de quem eu mais gosto, em quem mais queria votar?.

Naquele momento me lembrei de uma história que nos foi contada há pouco tempo, por uma das grandes figuras intelectuais da América Latina, Pablo González Casanova. Dom Pablo contava que, anos atrás, quando foi convidado para seu primeiro encontro com o Sub-comandante Marcos, teve que percorrer uma longa distância, adentrando-se na selva chiapaneca. O Sub os esperava em algum lugar tão misterioso quanto era, para Dom Pablo e seus companheiros, a sombra das árvores impávidas, o barro que os devorava até os joelhos e o silêncio da noite alerta. Chegaram a um lugar igual a dezenas de lugares já percorridos. Atentos, esperavam pelo início do encontro. Nervosos, ansiavam pelo começo do discurso. Dom Pablo fechou os olhos. Sentiu que, na solidão da selva, o ar denso carrega as marcas do sofrimento ancestral de povos dispostos a construir sua própria história. Abriu as mãos e sentiu que milhares de mãos negras, mãos brancas, mãos índias, mãos com barro, mãos com óleo, mãos com tinta o abraçavam. Mãos doces que, com suas carícias, lhe explicavam o sentido de estar ali. Dom Pablo fechou os olhos e descobriu que, mesmo que o sub-comandante ainda não tivesse chegado, o discurso estava começando. Com a lama até os joelhos, decidiu não mais conter as lágrimas, para poder escutá-lo melhor. Olhando para o mar, com Mateo sentado em meus ombros, recordei a história que, com algumas palavras a mais ou a menos, Dom Pablo nos contava...

Já se passaram algumas horas desde a vitória. Em alguns momentos, sinto que me invade uma esquizofrênica depressão. O que me consola é saber que, depois do parto, a sensação costuma ser a mesma. Talvez seja isso. Sim, é isso: estamos parindo um novo Brasil.

Um grande abraço,
Pablo Gentili